







011850. f. 26.

LITTERATURA D'HONTEM

OU

BREVES REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO LITTERARIA



LITTERATURA D'HONTEM

OU

BREVES REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO LITTERARIA

POR

Antonio Peixoto do Amaral



PORTO.

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA

63, Praça de Santa Theresa, 63

—
1866



DUAS PALAVRAS AO LEITOR

AHI váe mais outro folheto. Tem por titulo a LITTERATURA D'HONTEM, e vem encher as fileiras dos contendores da celebre questão *Castilho-Quental*.

LITTERATURA D'HONTEM é um folheto que eu vou juntar á *Litteratura d'hoje* do snr. Ramalho Ortigão, e á *Litteratura d'amanhã* pelo snr. E. A. Salgado, e fica ao leitor a litteratura de todos os seculos, isto é, d'hontem, d'hoje e d'amanhã, preterito, presente e futuro.

Desculpáe, benêvolo leitor, o meu arrôjo litterario, e sobre tudo attendei, que nem sempre os escriptos são de qualidade tal, que seja necessario um estylo elevado...

A vós portanto entrego este meu pobre opusculo e oxalá que elle encontre o acolhimento que cordealmente lhe deseja

© author.

LITTERATURA D'HONTEM



A litteratura do seculo, não é a mesma das épocas passadas. Uma sociedade aristocraticamente progressista veio substituir os povos anomaes que avultaram nos seculos anteriores. Não ha muitos annos que a nossa litteratura, depois do seu resplendor, decahia agonisante, e sem duvida arrancaria o ultimo suspiro, se um vulto grandioso, não viesse com seu exemplo, incitar a mocidade portugueza.

Grande gloria, indubitavelmente coube áquelle genio, que supportou por largo espaço a grandiosa missão, de que o ceu o imcumbira, sem que um braço—qual o d'elle pulsando a lyra o fosse suavisar na escabrosa senda que o Eterno lhe predestinava.

Depois a Garrett seguiram-se bastantes poetas que não desmereceram os creditos que ganhára o seu ante-

cessor. Um ~~estyl~~ harmonioso, pensamentos elevados e nimiamente magnificos, vieram differencar a verdadeira litteratura presente! da arrastada e carunchosa litteratura preterita, de veneranda memoria.

Esse laconismo, a que imprópriamente chamavam litteratura, é na verdade o emblema mais ridiculo que os antigos legaram á posteridade. Mas, cortando reflexões, sigamos o caminho, que nos propoemos seguir.

Litteratura d'hontem é o cunho d'uma idéalidade pouco desenvolvida, d'um espirito irregular e pouco intelligivel, sem que a razão accordando do seu lethargo a viesse chamar á realidade.

Litteratura d'hontem é um labyrintho enredado e confuso, um estylo ambiguo sem correcção nem clareza e muito menos harmonia, coisa que os antigos pouco se importaram. Todavia peccaram no que era mais simples. A harmonia é cousa facillima, attendendo que uma leve alteração de palavras, uma transposição simplissima, contribuiria bastante para que a expressão sahisse harmoniosa.

Os tempos alteram-se d'um modo verdadeiramente prodigioso. Quem havia de dizer, ha tres seculos, que viria época em que Portugal ousasse levantar olhos para o vulto vènerando de Camões? (a) Quem supporia que uma geração portugueza se atreveria a notar erros na maravilhosa epopeia—*os Lusíadas*—na Iliada dos povos modernos? Quem havia de presumir que a sociedade manchasse aquella obra munumental para lhe notar erros, para a condemnar perante o mundo de heterodoxas e heterogeneas idéas de catholico-paganismo?

Todavia accusar Camões, não é um crime de lesa-litteratura. Segundo a opinião *authorisada* do padre José Agostinho, o bom do Camões é tão susceptível de errar como qualquer outra pessoa. Até aqui nada ha que dizer. *Errare est hominibus*. No entanto Camões é o unico escriptor da antiguidade, que se torna digno da aura da posteridade...

Que se torna digno... disse eu? Que tem direito, á admiração das providouras épocas. Foi elle que cantou os immorredouros feitos dos nossos antepassados; foi elle que apregôou ao Universo as inclytas façanhas dos nossos grandes capitães; foi elle finalmente, depois do Dante, o primeiro que procurou para assumpto de seus poemas as brilhantes tradições do paiz.

Foi o grande Camões que primeiro disse ao Orbe—*Alli foi lysia!*—Bastaria sem duvida esta producção—desculpem-me os maldizentes—para fazer reviver eternamente na memoria de todos o nome portuguez... Já se vê, que me não refiro á parte litteraria....

A lingua portugueza tem desde o seu começo dado progressivamente provas inequivocas do seu adiantamento litterario. Invadida pelas nações oppressoras, estragada pela convivencia com povos pouco civilisados, e calçada até aos pés pelos indoutos filhos da Mauritania, a lingua portugueza tem sido continuamente o joguette caprichoso da rudeza e insciencia dos tempos primitivos.

D'antes os escriptores nacionaes, escreviam as suas obras, sem outro auxilio mais do que a concorrência dos

leitores, e do obulo, que para as lerem contribuiam os seus assignantes.

D'antes os escriptores em vez de cartas-prologos e de introducções preliminares para attrahirem a attenção do publico; occupavam-se em epistolas dedicatorias, para, com ellas, receberem o fructo da generosidade de *fidalgos* a quem dedicavam a sua obra.

Agora, já se não vê isto. A *Litteratura d'hontem* está completamente olvidada em Portugal. Em certo ponto não é mau, porque nos livra de cançar o espirito com aquellas enfadonhas leituras.

E' verdade que o espirito da época actual, como mais delicado, perfumou as suas inspirações, tomou a lyra e mudolou os seus carmes com mais sentimentalismo que fogo e arrebatamento. Tambem em compensação a *Litteratura d'hontem* não dava occasião a rivalidades hostis, porque os seus caudilhos eram assaz diminutos, consequencia natural do atrazamento da época.

Agora, como no seculo em que imperava em Roma Octaviano Cezar Augusto, vêmos por ahi, a par de muita nullidade, grandes e devotados talentos. Ora, como é de crêr, entre tantos escriptores, alguns ha que nutrem no espirito idéas pouco rasoaveis ácerca do seu talento. Outros, porém, não concordam n'isso, e entendem que o melhor meio de se tornar conhecidos na republica das lettras, é conseguirem uma carta-prologo, por algum poeta laureado. Na verdade obram com mais juizo, e tornam-se muito mais apreciadas as suas obras, quanto mais, n'ellas se conhece a modestia.

O escriptor deve lembrar-se sempre, de que é, por assim dizer, o guia que moralisa a sociedade. As suas idéas devem ser portanto as mais justas e rasoaveis, pois com ellas é que se consegue o bom ou mau adiantamento do progresso. Sendo um escriptor presumido, que quererá elle esperar da litteratura que ha de vir? Todos os individuos quererão escrever, e então forçosamente havemos de ter mais livros d'uma só vez, que os que teem havido até agora desde que temos uma litteratura formada.

Outra reflexão se nos offerece ainda. Os escriptores antigos, os apostolos da *Litteratura d'hontem*, ou por não quererem que os cognominassem de presumidos, ou por que então não era costume, é certo que nunca escreviam cartas-prologos nos livros dos outros. A razão elles lá a sabiam.

Não acontece o mesmo no presente seculo. É verdade, repito, que actualmente possuímos talentos e intelligencias, como nunca tivemos. O snr. Antonio Feliciano de Castilho, o principe da lyra, tem direitos sem lição, a este encomio, pelas suas excellentes producções tanto em prosa como em verso. Entendeu este senhor, que devia escrever uma critica litteraria no *Poema da Mocidade* devido á penna do nosso brilhante folhetinista o snr. Manoel Pinheiro Chagas.

Até aqui, nada ha de novo. O nosso illustre poeta estava no-seu direito. E' fóra de duvida que este senhor não quiz censurar a escola de Coimbra, nem tal se pôde colligir das suas palavras na *critica* que fecha o volume do senhor Pinheiro Chagas. Dizendo o snr. Castilho, que

em Coimbra, tres moços de grande intelligencia, os snrs. Anthero do Quental, Theophilo Braga, e Vieira de Castro escreviam em estylo tão sublime, que muitas pessoas difficilmente os comprehenderiam, creio que não deu motivos a tamanha questão.

E' verdade que fez uma triste ideia do progresso da época. As—*Odes modernas* do snr. Anthero do Quental, estão, é verdade, escriptas em linguagem vernacula, e em estylo sublime, mas nem porisso deixam de ser entendidas. Ao menos tal é a minha humilde opinião. Uma intelligencia rude e limitadissima—a minha—foi a sufficiente para comprehender as *Odes modernas*, do snr. A. do Quental.

Publicou-se a brilhante producção do snr. Pinheiro Chagas, e com ella a do snr. Castilho. Leu-a o snr. Anthero do Quental e julgou ver na *critica* uma offensa á sua dignidade litteraria. Julgou ser n'ella um sarcasmo plangente e incapaz da indole e reputação do snr. Castilho, e na sua exaltação expansiva escreveu uma carta ao snr. Castilho, debaixo do titulo de—*O bom senso e o bom gosto*.

N'esta carta, escripta como acima disse — n'um momento de exasperação, não se attendeu á reputação do illustre poeta, nem ao respeito devido ao author dos *Ciumes do Bardo e dos Quadros Historicos*.

Esta carta foi um verdadeiro grito de revolta. De toda a parte surgiram folhetos, uns mais bem elaborados, que outros... uns mais cortezes e placidos que outros que eram verdadeiramente incendiarios. Todos—ou pelo menos a maior parte — dos escriptores tractaram de ex-

pandir as suas idéas, e para esse fim publicavam um folheto, que bem ou mal, lá preenchiam mais um vauco...

Entre os folhetos que mais satisfactoriamente atingiram o fim desejado, avultam — *Vaidades erritantes e irritadas*, pelo snr. Camillo Castello Branco, e a *Litteratura d'hoje*, pelo snr. Ramalho Ortigão. Esta ultima producção era escripta em favor do festejado auctor dos *Ciumes do Bardo*, e dirigia o snr. Ramalho Ortigão, com aquella liberdade que costuma, alguns gracejos ao snr. Anthero do Quental. Este, que não é para graças, entendeu — e d'esta vez com mais razão. — que a *Litteratura de hoje* era um insulto dirigido á sua pessoa.

Parte em direcção á cidade invicta, e vem pedir uma satisfação ao author do opusculo que o snr. Quental, julgava offensivo. As palavras que o snr. Anthero proferiu ao seu contendôr e vice-versa, não as sei, nem vontade tenho d'isso. O que é mais que certo, é que ambos projectaram um duello, o que veio a acontecer, já se vê clandestinamente. Não me canço a dar mais detalhes sobre o successo, porque julgo que elle é bem conhecido do publico, e pennas mais bem aparadas que a minha se tem occupado ultimamente com esse assumpto.

Este acontecimento, foi por alguns dias o assumpto de todas as conversações. Todos queriam saber quem tinha ficado ferido, todos perguntavam pelo resultado do successo tragico-litterario. A final, soube-se, com bastante pesar, de muita gente, que tinha ficado ferido o snr. Ramalho Ortigão. Digo, com bastante pesar, porque era

indícios de que o snr. Castilho ficava vencido, porque o tinha ficado o folhetinista do *Jornal do Porto* que advogava a sua causa.

Mas no entanto quem dizia que o resultado do successo tragico-litterario viera pôr termo á questão, enganou-se. A questão continua e continuará talvez até que o braço do Creador se estenda entre os contendores, e a voz do snr. Castilho, se faça ouvir, exclamando:—*Sursum!*

E' para admirar, na verdade, que o snr. Antonio Feliciano de Castilho não se tivesse ainda mettido na questão, já não digo para justificar-se, porque talvez já o esteja na opinião das pessoas sensatas, ou na dos amantes da litteratura; mas para dar aos seus admiradores, mais uma producção sua. Tambem causa estranheza o snr. Pinheiro Chagas ter-se limitado a dizer n'um folhetim publicado no *Commercio do Porto* que toda esta questão era um perfeito—*Jogo do senhor abbadel!*—E váe chamando abbadel, com toda a cem-cerimonia ao snr. Anthero do Quental! (b)

Mas, como acima ia dizendo, o duello... enganei-me o successo tragico-litterario, deu-se n'esta antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto, sem que a coisa passasse a mais...

Se me não engano, o snr. Anthero a estas horas está arrependido do passo que deu.

Eis os detalhes d'esta questão que se anda debatendo, e que para infelicidade, cada vez se complica mais.

Sinto na verdade não possuir as forças necessarias

para dar a minha opinião sobre as *Odes modernas* devidas á penna do snr. Anthero do Quental. Dizendo-se que a obra é firmada pelo laureado nome do seu author, é quanto bastante para lhe tecer os mais lisongeiros encomios.

Quando é que os retrogrados, os falsos apóstolos do progresso, viram na *Litteratura d'hontem* um volume de poesias, que mereceu na opinião publica um lugar eminente entre os lyricos modernos?

Onde viram os espiritos erroneos na *Litteratura d'hontem*, os vultos que nós vemos e admiramos na actualidade? Onde?... Podemos, sem duvida, asseverar que o seculo aureo da litteratura portugueza é o seculo XIX, seculo summamente grandioso, pelos grandes melhoramentos que n'ella flôrecem, pelas gigantescas idéas de que ô vêmos occupado.

A questão—Castilho-Quental,—o successo tragico-litterario, todos esses folhetos que teem visto a luz publica n'estes ultimos tempos, que são, senão uma prova evidentissima do nosso progresso, d'essa luz esplendida, que tolda o horisonte da Europa, e com especialidade o do nosso Portugal?!

Não vêmos nós, rapazes, sem instrucção quasi nenhuma, e apenas com o exame de Instrucção Primaria, avantajarem-se a escrever? Não vêmos, no seculo que atrevesamqs, tantos talentos, flôrescendo ainda na alvorada da existencia?

A missão do escriptor é ardua, na verdade, mas nem por isso, ante o seu aspecto imponente recua a mocidade estudiosa.

Certa gente, porém, suppõe que, pelo contrario a arte de escrever não attende a exigencias, nem se funda nas maximas d'um rigorismo austero; e é por isso, que ainda por ahi apparecem obras, e especialmente artigos em jornaes, que é mesmo uma lastima lêl-os. Ha por ahi quem veja, apenas na litteratura a bandeira triumphal do seu renome scientifico; mas não tractam de dirigirem os tiros de modo que attinjam o alvo com a facilidade que desejam. (c)

Digo isto com o unico fim, de dar a conhecer que teem apparecido alguns folhetos sobre a questão, que não ha qualificação que se lhe possa dar. E são esses folhetos, cujos authores, sahidos da obscuridade, e muitas vezes debaixo do véo do anonymo atiram á face do publico, que tentam chasquear talentos respeitaveis, intelligencias privilegiadas, mas que não conseguem nem podem conseguir de modo nenhum o seu louco e até absurdo intento.

Os nomes do snr. Antonio Feliciano de Castilho e Anthero do Quental, são illustres em demasia para que o véo do anonymo os vá insultar.

O snr. Castilho lá sabe as razões por que escreveu aquellas allusões á escola de Coimbra, e o snr. Anthero da mesma maneira conheceu o que fez, quando se deu por offendido. Averiguar isso, não é da nossa competencia. Dêmos parte dos acontecimentos e das suas causas que na verdade só poderão servir a quem não tivesse idéa da questão—fizemos algumas reflexões sobre a contenda sem nos declararmos por um nem por outro par-

tido; e crêmos ter attingido o fim a que nos propozemos.

A *Litteratura d'hontem* não é o espelho em que a moral scientifica da actualidade se funda. A *Litteratura d'hontem* é apenas uma gloria de *sentidas* recordações, mas de que já ninguém quer partilhar. E' apenas uma reminiscencia vaga do chamado seculo glorioso, da época em que existiu Luiz de Camões, padre Antonio Vieira, e João de Barros, o *Homero*, *Bossuet*, e *Tito-Livio*—portuguezes.

A *Litteratura d'hontem* não tem mesmo nada de commum com a litteratura da actualidade. D'antes não haviam contendias litterarias, havia apenas palestras, não com as armas bellicas como os antigos romanos, mas com a espada da intelligencia. D'antes não havia questões sobre pondonores scientificos, o direito de prioridade n'essa parte cabe indubitavelmente ao snr. Anthero do Quental. Foi elle, quem iniciou em Portugal os successos tragicos-litterarios, como fim de se purificar contra os aleives que os criticos lhe assacaram. (d)

A *Litteratura d'hontem* fazia um perfeito contraste com a indole da época actual. Antigamente era pouco estimada a poesia lyrica; porque os litteratos só se occupavam com a epopeia, e era esse o genero poetico que elles entendiam ser mais preferivel... exigencias da época! Hoje a epopeia e especialmente a celebre oitava rimada está em perfeita decadencia...

Quanto mais não vale, já não digo o poema *D. Jayme*, pelo snr. Thomaz Ribeiro, mas o proprio poe-

metto do snr. Mendes Leal—*Napoleão no Kremlin* do que todos os poemas em oitava-rima, que teem apparecido, em Portugal—exceptuando os *Lusiadas*!

As *Odes modernas* não indicam em seu author o *mau senso e o mau gosto* que alguém injustamente lhe quiz attribuir. As *Odes modernas* dão honra a seu author, e é quanto basta para lhe firmar a reputação como poeta... Mas, não obstante isso, por mais esforços que faça, não posso dar com o motivo, que incitou o snr. Castilho a offender ainda mesmo de leve a reputação do snr. Anthero do Quental...

Seriam rivalidades, seria inveja? Não é de supôr; e por certo ninguem encarará a questão por esse lado. O snr. Anthero do Quental ainda não está em circumstancias de ser comparado com—talvez—o primeiro vulto da nossa litteratura actual. E' uma intelligencia vasta (ainda ha pouco o confessei) mas ainda está no alvorecêr da vida e da intelligencia, á medida, que o snr. Castilho já está reconhecido por nacionaes e estrangeiros, como um poeta distincto e laureado, como o principe da lyra.. (e)

Teria o snr. Castilho em vista dizer que as chrystalinas aguas do Mondego inspiravam mais poesia que as do Tejo e do Douro?... Talvez... Esta interpretação é verosimil porque toda a critica assevera em côro que a terra mais ámada das musas é Coimbra, a Lusa Athenas!

Mas, será melhor guardar estas reflexões para outra occasião mais opportuna. A celebre e apregoada questão Castilho-Quental tem sido tão fallada, e manifestada

em folhetos, que d'aqui a pouco não ha livreria onde possam caber... tamanha é a sua quantidade!...

Dizia-se, ha pouco, que já uma senhora entrar na questão unicamente com o fim de conseguir a paz nos dois differentes partidos... mas a idéa e o tempo foram passando e o folheto nunca appareceu. Não devemos contudo perder as esperanças. A questão ainda ha-de vir a cahir ao mesmo que era antes de apparecer o *Poema da mocidade*... isto é em *nada*. A reputação dos dois illustres contendores ficará incolume, porque a maior parte—dos tiros que lhe atiraram não apprehenderam o fim desejado. Houve ainda soffríveis pontarias, é verdade, porém os tiros foram tão ligeiros, que até se discutiu por unanimidade que não valia a pena chamar facultativo...

Creio ter feito já, algumas considerações sobre esta fastidiosa contenda, e sobre o successo tragico-litterario... e vou vêr se ponho ponto ao meu opusculo, porque de modo nenhum me quero tornar enfadonho.

Aqui têm os leitores esboçado, conforme as minhas forças litterarias o permitiam—A *Litteratura d'hontem* e a confrontação com a litteratura d'actualidade. Ahi têm os leitores a definição da *Litteratura d'hontem* não com as côres mimosas e estylo brilhante como a definição da *Litteratura de hoje* e da *Litteratura de amanhã*; mas ao menos com a linguagem conveniente.—apropriada não—e com o character litterario, que, segundo estendi, estava em harmonia com o gosto da época.

Litteratura d'hontem, litteratura d'hontem, que recordações fementidas de ti nos resta! Escôla insípida

dos sonetos, oitavas-rimas e anagrammas (f) finaste-te
sem que a tua memoria nos deixe a mais pequena ma-
gua, sem que, por tua morte, o pranto nos humedeca os
olhos!



NOTAS

NOTAS

(a)

«Quem havia dizer n'outras épocas, que o vulto de Camões...» pag. 8.

É sabido por todos que Camões tem sido criticado por uns, corrigido por outros, e desprezado por muita gente. O padre José Agostinho de Macedo, o cantor dos —*Burros*—tentou, não derribal-o do parnaso, segundo elle mesmo declarou; mas vêr se conseguia ao menos fazel-o perder no conceito de nacionaes e estrangeiros, como principe dos poetas. Todavia mallograram-se os seus desejos, porque Camões, *malgrè soi*, continuou a gosar d'authoridade entre os escriptores modernos. É seguramente o unico, digno de ser lido e admirado pela posteridade.

(b)

«O snr. Pinheiro Chagas, ter-se limitado a dizer n'um folhetim do *Commercio do Porto*, que todos andavam brincando ao—jogo do senhor abbade.» pag. 14.

Diz o nosso illustre folhetinista:—«Isto principiou como o jogo do senhor abbade. Indo eu, eu mesmo, eu que escrevo estas linhas, a casa do snr. abbade Anthero do Quental, nunca elle deu signal de que estava em casa — «Mente você» — «Então onde estava vossa senhoria?» — «Eu estava no gallinheiro do snr. Castilho» — Mente vocemecê, bradamos eu, o snr. Julio de Castilho, e o Manoel Roussado... — Onde estava você, e onde estava vocemecê, e já os tractamentos, e vieram á praça laranjas de Lisboa, limões do Porto e azeitonas de Coimbra, e o snr. Elmano da Cunha disse ao senhor abbade Anthero do Quental — «Onde estavas tu?» — E o snr. Anthero obrigou-o a pagar prenda por não dizer—Onde estava v. s.^a?—E isto não pára, e a torrente dos folhetos engrossa e os tostões vão rareando no mercado, e eu na trincheira a esfregar as mãos e a receber as prendas.»

Copiei isto, unicamente para illucidar os leitores na leitura d'este opusculo, não porque eu concorde com as idéas do nosso folhetinista, que n'esta parte acho algum tanto injusto.

(c)

«Certa gente, porém, supõe que... a arte de escrever não attende a exigencias.—Ha por ahi quem veja apenas na litteratura a bandeira triumphal do seu renome scientifico.» pag. 16.

Não exaggero; infelizmente fallo a verdade. Apesar do desenvolvimento do seculo e das luzes do progresso, ha muita gente,—a maior parte rabiscadores de noticias,—que entende que escrevendo meia duzia de banalidades e desconcertos, fazem um valioso serviço ás letras patrias! Poderia citar alguns nomes, mas não os cito, porque realmente detesto questão com a ralé das Musas em Portugal... e mesmo poupo o trabalho d'algum duello...

(d)

«O direito de prioridade (nos duellos litterarios) cabe indubitavelmente ao snr. Anthero do Quental.» pag. 17.

Não se offenda o nosso talentoso poeta, que isto não foi feito com o intento de o offender... Reconheço-lhe muito talento — assim como todos — sei o que sou e quanto valho, e conheço também a distancia immensa que nos separa. Vi e admirei as sentidas estrophes das suas — *Odes modernas* — e isto foi quanto bastou para o respeitar e venerar.

(e)

«Como o principe da lyra.» pag. 18.

Isto como já se vê, é uma allusão á magestosa poesia do snr. Mendes Leal—*Napoleão no Kremlin*—que seu author dedicou ao snr. Castilho, dando-lhe por essa occasião o epitheto honrosissimo de—*principe da lyra*.

Esta poesia—ou antes poemetto—foi ultimamente publicada n'um folheto... para não desmentir a época!

(f)

«Escôla insipida de folhetos, oitavas-rimas e anagrammas.» pag. 20.

Alludo á *grandiosa e sublimada* litteratura d'hontem, em que os poetas, entendiam que, alterando os nomes das suas *bem amadas*, davam mais força e talvez — *euphonia á metificação*. A este respeito diz com algum chiste o nosso grande Garrett nas notas do seu maravilhoso poema—Camões:

«Maria é muito mais bonito e poetico, do que Marcia ou Marilia, com que nos seccavam os poetas soneteiros, da escôla que ultimamente morreu (a litteratura de hontem) *apunhalada e invenenada* pelos Antonys de aguda pera e longas melenas. Até aqui, e muito mais além, vou eu com a *revolução*.»

Ora já veem, portanto, que a minha opinião, não é erronea, nem absurda, porque tambem é partilhada pelo grandioso talento do nosso defunto poeta o snr. Visconde de Almeida Garrett, o coryphee da escôla moderna.

FIM.



TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.^o

63—Praça de Santa Theresa—63

N'esta officina encarregam-se de toda e qualquer impressão a côres, assim como:

Romances, jornaes litterarios e obras religiosas

Bilhetes de visita ou de casamento

Prospectos, estatutos, lettras, circulares, acções, arrendamentos, procurações e carimbos em cartas

Facturas e contas correntes

Etiquetas ou bilhetes para pharmacia, para estabelecimentos commerciaes e industriaes, para fazendas, para garrafas de vinho, ou de licôr, etc.

Tem variados e lindos typos, tarjas, vinhetas, emblemas, etc.

MARIA ISABEL

Este excellente romance de que é authora a exm.^a snr.^a D. Maria Peregrina de Sousa, está no prêlo a terceira folha, terá approximadamente 250 paginas. A scena passa-se n'uma das melhores casas commerciaes do Porto, pela occasião d'uma fallencia. Assigna-se desde já na typographia de José Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa n.º 63.—**Preço 300 reis.**







